

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO SUJEITO MULHER-POLICIAL EM PERFIS DO INSTAGRAM

LA CONSTRUCCIÓN DISCURSIVA DEL SUJETO MUJER-POLICÍA EN LOS PERFILES DE
INSTAGRAM

THE DISCURSIVE CONSTRUCTION OF THE FEMALE POLICE SUBJECT IN INSTAGRAM
PROFILES

Cremilton de Souza Santana*

Gerencie Ribeiro de Oliveira Cortes**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

RESUMO: Neste estudo, objetivamos analisar como o sujeito mulher-policial se constitui e é constituído discursivamente na rede social Instagram. Para tanto, amparamo-nos na Análise de Discurso (AD) de perspectiva pecheuxtiana, além dos aportes teóricos acerca do discurso digital. O *corpus* discursivo consiste em um recorte de quatro sequências discursivas (SDs), coletadas a partir de publicações que abordam a temática da mulher-policial na rede social Instagram, bem como de alguns comentários das respectivas postagens. As análises mostraram que a construção do sujeito discursivo mulher-policial sofre determinações históricas e ideológicas das formações discursivas (FDs) machista e militarista, além de outros atravessamentos discursivos. Nessa trama discursiva, as formações imaginárias do sujeito mulher e do seu lugar social, como também o imaginário da instituição polícia e do sujeito policial, tornam-se também determinantes para a movimentação dos sentidos e o funcionamento das diversas posições-sujeito no discurso na/em rede.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito mulher-policial. Discurso machista e militarista. Memória discursiva e formações imaginárias. Rede social Instagram.

RESUMEN: En este estudio, nos proponemos analizar cómo el sujeto policía femenino se constituye y se constituye discursivamente en la red social Instagram. Para ello, nos apoyamos en el Análisis del Discurso (AD) desde una perspectiva pecheuxtiana, además de aportes teóricos sobre el discurso digital. El corpus discursivo consiste en un recorte de cuatro secuencias discursivas (SDs), recolectadas de publicaciones que abordan el tema de las mujeres policías en la red social Instagram, así como algunos comentarios

* Doutorando em Linguística e Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: niltoncte@hotmail.com.

** Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL/UESB). Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/CNPq). E-mail: gcortes@uesb.edu.br.

en las respectivas publicaciones. Los análisis mostraron que la construcción del sujeto discursivo mujer policía sufre determinaciones históricas e ideológicas de las formaciones discursivas (DFs) sexistas y militares, además de otros cruces discursivos. En esta trama discursiva, las formaciones imaginarias del sujeto mujer y su lugar social, así como el imaginario de la institución policial y el sujeto policial, se vuelven también determinantes para el movimiento de los sentidos y el funcionamiento de las distintas posiciones-sujeto en el discurso, en el trabajo sobre/en red.

PALAVRAS CLAVE: Sujeto mujer policía. Discurso machista y militarista. Memoria discursiva y formaciones imaginarias. Red Social Instagram.

ABSTRACT: In this study, we aim to analyze how the female police subject constitutes itself and how it is discursively constituted in digital network Instagram. To do so, we rely on Discourse Analysis (DA) from a Pecheuxian perspective, in addition to theoretical contributions about digital discourse. The discursive corpus consists of a clipping of four discursive sequences (SDs), collected from publications that address the issue of female police officers on the social network Instagram, as well as some comments on the respective posts. The analyzes showed that the construction of the policewoman discursive subject suffers from historical and ideological determinations of the sexist and military discursive formations (FDs), in addition to other discursive crossings. In this discursive plot, the imaginary formations of the woman subject and her social place, as well as the imaginary of the police institution and the police subject, also become determinant for the movement of the senses and the functioning of the different subject-positions in the discourse, in working on/in a network.

KEYWORDS: Female Police Subject. Sexist and militaristic discourse. Discursive memory and Imaginary formations. Instagram social network.

1 PALAVRAS INICIAIS

Historicamente, a mulher teve negada sua participação social em diversos campos da sociedade. No cenário das carreiras policiais não tem sido muito diferente, pois ainda é um território marcado pelo machismo e patriarcalismo. No início da inserção da mulher na polícia, no contexto brasileiro, as missões que eram atribuídas a elas deviam ser adequadas ao trabalho então discursivizado como sendo feminino, de acordo com as demandas sociais da época, por exemplo, a proteção de mulheres e jovens (Segurança [...], 2006).

Na esfera brasileira, o marco inicial das mulheres na carreira policial aconteceu no Estado de São Paulo, em 12 de maio de 1955 (DCO3), com a criação do Corpo de Policiais Femininos. Assim, o Decreto de Lei nº 1072, de 30 de dezembro de 1969, deu nova redação ao Artigo 3º do Decreto de Lei nº 667, de 02 de junho de 1969, reestruturando as carreiras de Polícias Militares e dos Corpos de Bombeiros.

Para Castro e Franco (2011, p. 2), “[...] a introdução da Polícia Feminina no Brasil teve como exemplo a experiência europeia e americana, onde se constatou o satisfatório desempenho feminino na solução de questões relacionadas a missões assistenciais e de polícia preventiva”. Nessa perspectiva, o ingresso da mulher na carreira policial no Brasil deu-se a partir da segunda metade do século XX, mas a participação feminina nesse mercado de trabalho ainda é bem inferior à do sexo masculino, como demonstra a reportagem da Folha de Pernambuco (Mulheres [...]), baseada em dados da Pesquisa Perfil das Instituições de Segurança Pública, ao evidenciar que apenas 12% do corpo da Polícia Militar do Brasil é composto por mulheres.

Frente a isso, entende-se que pesquisar sobre a temática da inserção da mulher nas carreiras policiais é relevante científica e socialmente. Neste estudo, buscamos analisar como o sujeito-mulher policial se constitui e é constituído discursivamente e como esse processo discursivo é afetado pelas redes sociais e digitais, mais especificamente pela rede social *Instagram*¹. Para tanto, os desdobramentos teóricos da pesquisa estão amparados nos pressupostos da Análise de Discurso (doravante AD) de perspectiva pecheuxiana, em especial nas noções conceituais de sujeito discursivo, interdiscurso, memória e formações imaginárias. Além disso, no decorrer do texto, serão mobilizados conceitos relacionados ao discurso digital.

¹ O Instagram é uma rede social criada por Kevin Systrom e Mike Krieger, sendo lançado oficialmente em outubro de 2010, ganhando aceitação popular com mais de cem milhões de usuários já em 2012 (Wikipedia).

Para a construção do *corpus* discursivo deste estudo, foi constituído um arquivo digital, por meio da captura de tela, de materialidades publicadas em perfis do *Instagram*, relacionados com a mulher-policia, bem como alguns comentários dessas postagens. Conforme Pêcheux (2014c, p. 59), o arquivo é um “[...] campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”. Assim, a partir desse arquivo, efetuamos um recorte de cinco sequências discursivas (SDs) de perfis que abordam a temática da mulher-policia na rede social já citada.

Na Análise de Discurso, a delimitação do *corpus* segue procedimento próprio. Conforme Orlandi (2020, p. 60): “A delimitação do *corpus* não segue critérios empíricos (positivistas) mas teóricos. Em geral distinguimos o *corpus* experimental e o de arquivo. Quanto à natureza da linguagem, devemos dizer que a análise de discurso se interessa por práticas discursivas de diferentes naturezas: imagem, som, letra, etc”.

Em similaridade com Orlandi (2020), Mittmann (2007, p. 156) assevera que “[...] o *corpus* não está dado, mas é construído pelo gesto do analista de ler, relacionar, recortar e, novamente, relacionar”. Nessa perspectiva, Orlandi (1984, p. 14) destaca que “[...] o recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva”. Desse modo, ao se inserir no contexto das mídias digitais, recortamos nosso *corpus* centrado em sequências discursivas “[...] em movimentos de análise sobre a opacidade material, efetuando voltas em espiral que perpassam arquivo, *corpus*, teoria, questões” (Mittmann; Cortes, 2021, p. 292). Já os procedimentos analíticos foram efetuados na tensão contínua do batimento entre descrição e interpretação, conforme orientações de Pêcheux (2015).

2 PRESSUPOSTOS DA ANÁLISE DE DISCURSO (AD)

O discurso é definido por Pêcheux (2014a, p. 81) como “efeito de sentidos entre interlocutores”. Nesse caminho, o funcionamento discursivo é posto em relevo a partir das condições de produção atravessadas pelas determinações ideológicas e históricas, considerando a não transparência da linguagem; desse modo, o discurso “[...] é assim palavra em movimento, prática de linguagem com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (Orlandi, 2020, p. 13). Para Pêcheux (2014a), não se pode analisar o discurso como um texto, fechado em si mesmo, pois o discurso sempre retoma sentidos já ditos; assim, faz-se necessário considerar as relações de sentidos e de forças inseridas em uma conjuntura das condições de produção.

Convém elucidar que, na AD, sujeito e sentido se constituem juntamente, sob determinações ideológicas e históricas. Nesse aspecto, Pêcheux (2014b, p. 238) assinala que a “[...] interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina, identificação na qual o sentido é produzido como evidência pelo sujeito [...]”. A formação discursiva (FD) é definida pelo autor como “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada [...] determinada pelo estado da luta de classes, determina o *que pode e deve ser dito*” (Pêcheux, 2014b, p. 147). Nessa direção, a inscrição dos sujeitos nas FDs é determinada no jogo das relações de poder, sendo produzidas na heterogeneidade dos sentidos e nas fronteiras do saber que se inscrevem no campo da ideologia.

Assim, para a AD, o sujeito é um efeito ideológico, compreendido como uma posição-sujeito, a qual é entendida por Cazarin (2019, p. 4) “[...] como um constructo teórico, representando, no processo discursivo, os ‘lugares’ ocupados pelos sujeitos na estrutura de uma formação social”. Desse modo, os sujeitos são constituídos a partir da identificação com os saberes de uma dada FD, sob o jogo de relações com a memória e com a ideologia.

As FDs são instáveis e heterogêneas, “[...] graças à heterogeneidade das formações discursivas, e como a língua se constitui pela *falha*, pode haver derivas de sentido e, assim, produzir distintas posições-sujeito” (Cortes, 2015, p. 166). Ou seja, o sujeito também não é homogêneo, mas fragmentado e descentrado, e, assim, o sujeito e os sentidos se movimentam no discurso ora em posições de adesão, ora em posição de confronto discursivo. Nessa conjuntura, é essencial compreender os efeitos do interdiscurso, definido por Pêcheux (2014b, p. 149) como o “[...] ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que [...] caracteriza o complexo das formações ideológicas”. Nessa

trama, o interdiscurso abriga as formulações e os saberes já produzidos nas FDs, que determinam os sentidos e as práticas discursivas.

Para Pêcheux (2015, p. 229), ao tomar como objeto o “trabalho da heterogeneidade discursiva no jogo das contradições sócio-históricas”, é importante considerar a exterioridade discursiva e a sua relação com os pré-construídos em que residem os implícitos “ausentes por sua presença” (Pêcheux, 2020, p. 48). Nessa direção, Paul Henry (2014) argumenta que o pré-construído determina a constituição do discurso a partir de uma construção histórica, materializada no interdiscurso, nas relações com o “sempre-já-lá da linguagem”, dito antes em outro lugar, tendo em vista que o interdiscurso fornece matéria-prima para a formação discursiva, pois ele “[...] disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (Orlandi, 2020, p. 29).

É no interdiscurso que reside o conjunto de saberes já-ditos, haja vista que “[...] esta é a natureza do interdiscurso: reunir todos os sentidos produzidos por vozes anônimas, já esquecidas. E é por comportar todos os sentidos que ele se distingue da memória discursiva” (Indursky, 2011, p. 86). A memória, nessa visão, é um recorte do interdiscurso; segundo Pêcheux (2020, p. 53), a memória discursiva é “[...] um espaço móvel de divisões, disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização...um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos”. Desse modo, a memória funciona de forma dinâmica, em constantes movimentos de sentidos, deslizamentos, tensões e desdobramentos, já que não pode ser concebida como uma esfera plana e homogênea.

Conforme veremos nas análises, a noção de sujeito será produtiva para analisar as movimentações das posições-sujeito no discurso, que são constituídas juntamente aos sentidos (Pêcheux, 2014b).

Já os conceitos de FD, interdiscurso e memória serão mobilizados para ampliar a nossa compreensão acerca das determinações históricas dos sentidos na trama, pelas FDs machista e militarista, como também para verificar os efeitos discursivos instaurados na movimentação dos sentidos nas atualizações das formulações em torno do sujeito mulher e do sujeito policial. Intrincadamente a esses conceitos, a noção de formações imaginárias nos ajudará na compreensão dos efeitos do imaginário de fragilidade/inferioridade da mulher – que se opõe ao imaginário de força, virilidade e superioridade masculina – na construção discursiva do sujeito mulher-policial.

Dado o exposto, as noções conceituais postas neste estudo são indissociáveis entre si e serão mobilizadas nas tensões do batimento descrição/interpretação em nossos gestos de leitura das materialidades que compõem o *corpus* discursivo. Com base nesses pressupostos, discutiremos, a seguir, sobre a construção discursiva do sujeito mulher-policial.

3 GESTOS DE ANÁLISE

Em nosso percurso analítico, tomaremos a mídia digital como espaço discursivo que institui o movimento de distintas posições-sujeito no discurso. E as redes sociais não podem ser percebidas apenas como espaço de publicação de fotos, comentários e compartilhamentos de outras situações corriqueiras, mas como um objeto discursivo, como uma rede ideológica de sentidos e de posições-sujeito em disputa.

Vejam, a seguir, as sequências discursivas (SDs 1 a 4) coletadas da rede social *Instagram* em que o número de usuários é significativo, assim como o modo de produção discursiva é interessante para nossos questionamentos.

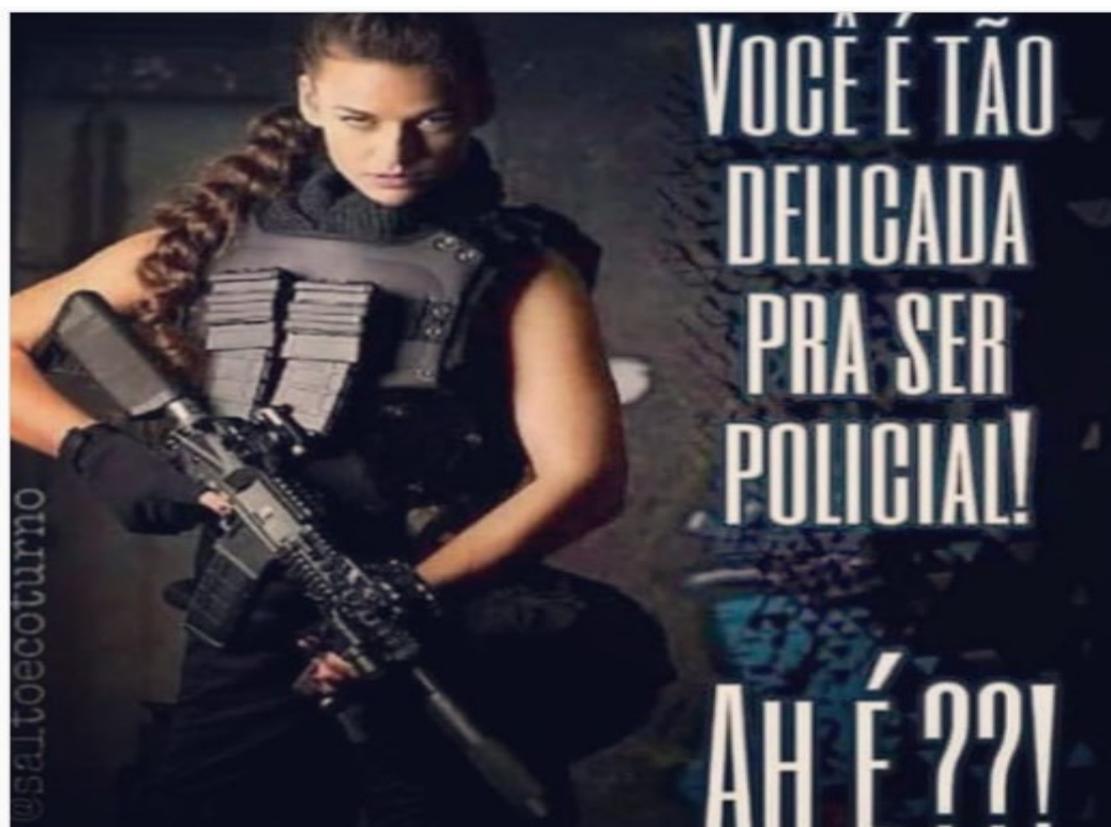


Figura 1: Sequência discursiva – SD1

Fonte: Instagram

A primeira sequência discursiva (SD1) apresenta a imagem de uma mulher com olhar fixo e confiante, segurando uma arma com as duas mãos. Ela usa um colete à prova de balas, acrescido de um uniforme com cor predominantemente preta. Nela, há, ainda, as formulações linguísticas “VOCÊ É TÃO DELICADA PRA SER POLICIAL!” e “AH É??!”.

A primeira materialidade linguística, “VOCÊ É TÃO DELICADA PARA SER POLICIAL!”, atualiza a memória do discurso militarista e machista, que impõe (de)limitações à mulher e ao seu lugar social. Esses sentidos sofrem determinações das formações discursivas machista e militarista quando buscam estabilizar o imaginário de fragilidade e de fraqueza da mulher.

Conforme declara Pêcheux (2014a), o interdiscurso é o exterior de uma dada FD; assim, nesta trama, as FDs machista e militarista se sustentam pelos sentidos já ditos e já estabilizados acerca da mulher e do sujeito policial. Essa historicidade produz determinações de sentidos para o lugar da mulher e sua (de)limitação na sociedade, tendo-se em conta uma suposta inferioridade, uma fragilidade que a impede de ocupar os espaços já estabilizados historicamente como lugares apenas de homens, a exemplo do sujeito policial. Essa construção discursiva para o sujeito mulher impôs restrições severas à sua movimentação no espaço público, pois, como pontua Perrot (2019), as mulheres eram confinadas e limitadas a espaços domésticos, e desempenhavam apenas algumas funções consideradas adequadas, a exemplo da maternidade, entre outras.

Neste cenário discursivo, a construção do sujeito-mulher policial é, portanto, afetada pelo efeito das formações imaginárias. Para Pêcheux, “[...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que *A* e *B* se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (Pêcheux, 2014a, p. 82). O mecanismo imaginário “[...] produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica” (Orlandi, 2020, p. 38). Assim, a carreira policial é construída historicamente pelo imaginário da força e da ordem, em conformidade aos pré-construídos do discurso machista os quais se filiam também ao imaginário da mulher como sujeito frágil e dependente da força masculina.

Para Bayley (2006, p. 20), a polícia é definida como “[...] pessoas autorizadas por um grupo para regular as relações interpessoais dentro deste grupo através de aplicação de força física”. Portanto, “[...] a instituição policial se mantém, ao longo de sua história, em torno do controle e em nome da segurança” (Costa, 2014, p. 102). Assim sendo, as formações imaginárias sobre a polícia determinam o modo como os sujeitos se significam, como também os seus lugares.

Conforme Sadek (2003, p. 127), as construções imaginárias sobre a profissão de policial estão relacionadas com os traços de virilidade, uma vez que, para “[...] lidar com a bandidagem exige conhecimento das leis misturado a altas doses de autoridade, de força, de coragem e de capacidade de decisão – atributos supostamente masculinos”. Assim, os sentidos de força e coragem atribuídos ao homem funcionam em antagonismo à suposta fragilidade da mulher, de modo que esses sentidos buscam justificar a dominação masculina por determinações das FDs machista e militarista.

Na SD1, estão materializados os discursos de embate, uma vez que o dito “AH É??!” , pelo efeito das interrogações e da exclamação, confronta ironicamente a formulação “VOCÊ É TÃO DELICADA PRA SER POLICIAL!”. Os sinais de pontuação inscritos no discurso podem funcionar como elementos próprios de constituição da ironia (Orlandi, 2012). Sob a ótica discursiva, a ironia funciona na “contradição apreendida e exibida (isto é, ‘a ironia’)” (Pêcheux, 2014b, p. 142); na SD1, o efeito da ironia da formulação “AH É??!” instaura a deriva e a discrepância dos sentidos construídos historicamente sobre a mulher como delicada, questiona os já-ditos do imaginário já estabilizado para o sujeito policial, e produz sentidos de antagonismo aos sentidos das (de)limitações dos espaços que as mulheres deveriam ocupar socialmente.

Na imagem da SD1, também funcionam algumas discursividades que retomam a memória do discurso militarista, com uma posição-sujeito de força e virilidade, sendo esta construída como um lugar exclusivo do homem. Logo, o discurso também sofre efeitos da memória do discurso machista, já que a função na carreira policial ainda é território marcado pelo domínio masculino. Nessa trama, embora a inserção da mulher na polícia tenha produzido efeitos discursivos de desestabilização e desregulação, é possível observar o funcionamento de determinações de uma FD machista, em aliança à FD militarista, a exemplo da exigência da força e da negação da delicadeza feminina.

Neste tensionamento de efeitos de sentido, a imagem da mulher-policial (SD1) comporta nela mesma um gesto de leitura; ao portar uma arma e um colete à prova de balas, produz efeitos de resistência aos discursos machista e militarista, desestabilizando os sentidos cristalizados que determinavam que polícia não era lugar para mulher.

Assim, a memória estabilizada de que a mulher não pode ocupar a posição-sujeito de mulher-policial é confrontada tanto pela formulação linguística “AH É??!” quanto pela imagem, que, no campo da AD, é tomada em sua opacidade, pois “[...] a questão da imagem encontra assim a análise de discurso por um outro viés: não mais a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca [...]” (Pêcheux, 2020, p. 51). Dessa forma, na SD1 funciona a tensão entre a resistência aos sentidos de exclusão social da mulher, pelo imaginário de fragilidade e delicadeza, e, ao mesmo tempo, as determinações ideológicas das FDs machista e militarista, que exigem demonstração de força e coragem – sentidos historicamente associados à masculinidade – para a inserção na polícia.

Nesse aspecto, os sentidos já ditos pelo imaginário da polícia buscam (de)limitar os espaços que a mulher deve ocupar social/profissionalmente, pelas determinações ideológicas das FDs machista e militarista, cuja memória instaura as formações imaginárias. Orlandi (2020, p. 38) esclarece: “Assim não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso”.

Nessa conjuntura, percebemos que as imagens construídas sobre a mulher, o homem, a polícia e seus lugares produzem determinações no discurso e afetam a construção da posição-sujeito policial, historicamente de filiação machista e militarista; a mulher, ao ingressar na carreira militar, passa a ocupar uma nova posição-sujeito, que é a de mulher-policial, e, assim, busca instaurar a resistência ao discurso já estabilizado, que determina e restringe a polícia como lugar para homens. No entanto, a

construção do sujeito mulher-policial é construída nesta tensão entre ser mulher e ser polícia, uma polícia regida pelos sentidos da FD machista.

No decorrer da história, as sociedades testemunharam os discursos que sustentam as formações discursivas machista e militarista, que, em aliança, funcionaram como barreiras para o processo de inclusão feminina nas forças policiais por um longo período. Todavia, as mulheres resistiram e resistem a tais discursos em meio a embates históricos e movimentos contra a dominação masculina, pois “não há dominação sem resistência”, conforme pontua Pêcheux (2014b, p. 281).

Nesse cenário, citamos, como exemplo de resistência aos discursos machista e militarista, a baiana Maria Quitéria de Jesus (1792-1853), importante figura histórica, que se disfarçou de homem e lutou durante a Guerra da Independência do Brasil contra as tropas portuguesas remanescentes por aqui, mesmo depois de proclamada a independência do país em 1822 (Henrique, 2022). Assim, ela se tornou a primeira mulher a integrar as Forças Armadas, sendo condecorada por D. Pedro I como heroína. Em virtude disso, sua coragem, força e determinação a transformaram em um símbolo de resistência e de luta das mulheres contra as barreiras impostas pelas FDs machista e militarista, que determinavam a exclusão de mulheres no espaço policial.

Para Perrot (2019), a história das mulheres mudou no decorrer do tempo, tanto em seus pontos de vista quanto em seus objetos. Todavia, tais mudanças partiram de uma história de luta por lugares sociais mais amplos, no intuito de ocupar os espaços no ambiente público e, especialmente, na esfera profissional. É importante pontuar que, no início da carreira policial, a mulher teve como missão apenas ‘proteger e servir’, pois esse conceito de policiamento é afetado pelo imaginário de masculinidade, bravura, heroísmo, força física e habilidade para lidar com o risco – qualidades supostamente ausentes na mulher, como asseveram Soares e Musumeci (2005). Assim, o conceito de policiamento ainda sofre determinações das FDs machista e militarista.

Dessa forma, a transição das mulheres do ambiente doméstico para outros espaços sociais, outrora dominados por homens, a exemplo das carreiras policiais, tornou-se um marco histórico. Ou seja, a inauguração da inscrição feminina na polícia brasileira representa um avanço significativo no que se refere a sua inclusão em um espaço social anteriormente dominado por homens. Assim, a emergência da presença feminina na carreira policial instaura uma perturbação na memória dos discursos machista e militarista, pois desmancham uma série de sentidos já estabilizados (Pêcheux, 2020) e, desse modo, passam a funcionar novos sentidos para o sujeito policial, com a presença da mulher nesses espaços.

Com base nas discussões apresentadas, analisaremos a próxima sequência discursiva, que traz um comentário da postagem da SD1:

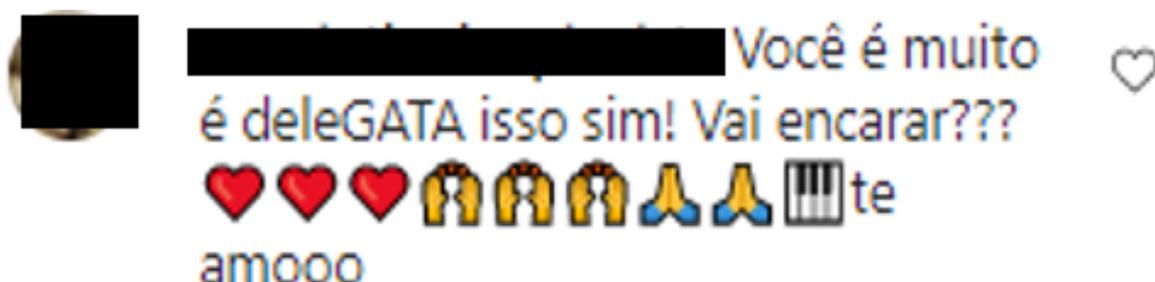


Figura 2: SD2 – Comentário digital

Fonte: Captura de tela do Instagram

As redes sociais permitem ao usuário postar fotos, curtir e fazer comentários em publicações digitais, tendo em vista que “[...] vivemos em um tempo em que o movimento da máquina se (con)funde com o do homem e nem sempre é possível separar o que é da ordem do histórico e do tecnológico” (Grigoletto; Gallo, 2015, p. 307).

A SD2 se constitui por um comentário² instaurado na SD1. De acordo com Cortes (2017, p. 17), o comentário “[...] pode funcionar como resistência ou anuência aos discursos que circulam na rede virtual”, pois as condições de produção discursiva no digital permitem a circulação e a movimentação dos sentidos que são afetados pela memória, história e ideologia. Os efeitos de sentidos atravessados na formulação “deleGATA” funcionam com efeito metafórico, pela substituição de delegada (SD1) por deleGATA. Acerca da metáfora discursiva, assim declara Pêcheux (2014b, p. 240):

O sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formações de sinônimos), das quais certa formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem. Simultaneamente, a transparência do sentido que se constitui em uma formação discursiva mascara a dependência desta última em relação ao interdiscurso.

Nesse sentido, instaura-se a metáfora entre as formulações linguísticas “**delegada/deleGATA**”. A substituição de delegada por “**deleGATA**” retoma a memória de sentidos de “gata” para mulher bonita e charmosa. Assim, a posição-sujeito no discurso (SD2) funciona com sentidos de que a mulher delegada é também bela. O termo “**Isso sim!**”, em relação metafórica, produz o dito “aquilo não”. Cabe o seguinte questionamento: por que uma mulher bonita não deve ser uma delegada? Temos aqui o funcionamento de uma memória segundo a qual a beleza feminina e a inteligência ou a capacidade intelectual não se coadunam, haja vista que o destaque é dado à beleza e silencia as habilidades da mulher enquanto profissional.

Essa construção discursiva é determinada ideologicamente pela memória da carreira policial, construída historicamente com sentidos de força e coragem frente ao perigo. Segundo Costa (2014, p. 101), “[...] a história da instituição policial está ligada à história da formação das cidades, na qual seu surgimento teve como princípio intervir no confronto de interesses que a vida em comum propunha, principalmente, no que se referia a imposição e manutenção da ordem e da lei”.

Assim, o dito da SD2 produz significação de que o lugar de uma mulher bela não pode ser policial, pode até ser modelo, estampar sua beleza em capas de revistas, campanhas publicitárias etc., mas não ingressar na carreira policial, visto que este é um lugar que não exige beleza feminina, porém força e masculinidade, pela memória filiada à FD machista, ao atribuir ao homem os atributos de força e rigidez.

Na formulação “**Você é muito deleGATA isso sim!**”, há o termo em caixa alta, bem como os *emojis*, que possibilitam aos usuários da rede social “[...] publicar imagens, textos, vídeos e comentários curtos de sua autoria, assim como reagir a publicações ou comentários feitos por outros usuários através de botões interativos (Santos, 2020, p. 26)”. Tais funções, como os botões de curtir, compartilhar e comentar, fazem funcionar a corpografia digital. Conforme assevera Dias (2008, p. 20), “[...] o que define particularmente a corpografia é que ela não representa nem imita uma emoção, mas ela cria essa emoção, nas condições de produção muito específicas do uso do computador”. Nesse sentido, a corpografia determina uma maneira particular de produzir sentidos nas redes de relacionamento, tais como a rede social *Instagram*.

Nessa direção, a corpografia se insere nas condições de produção e circulação do discurso nas mídias digitais. Segundo Dias (2016, p. 8), no digital, o processo de significação “[...] se dá pela maneira como o discurso se constitui, se formula e circula atravessado pela materialidade digital”. Devido aos avanços tecnológicos, as formas de se comunicar e se relacionar “[...] têm mudado de forma significativa as relações humanas e sociais, principalmente no que diz respeito à comunicação mediada pelas novas tecnologias digitais” (Santos, 2020, p. 26).

Assim, a rede possibilita a produção e o funcionamento discursivo em que diferentes sujeitos se constituem em um jogo de tensões nas tramas digitais, pois “[...] o elemento da circulação se sobressai ao da formulação e ao da constituição no processo de produção dos discursos e do conhecimento, pela maneira como a noção de informação se discursiviza em nossa sociedade” (Dias, 2018, p. 43).

² O *Instagram* permite que os usuários comentem em publicações de outros perfis, mesmo não sendo seguidores de forma mútua, salvo exceções, como no caso de perfis privados ou de usuários bloqueados que não podem comentar em determinadas postagens.

Nessa perspectiva, as mídias digitais funcionam não somente como suporte para materialização e circulação de discursos, mas também como espaço de práticas discursivas que colocam em movimento os sentidos e os sujeitos.

Temos aí um jogo de forças da memória e um embate discursivo entre a posição-sujeito que restringe a carreira policial ao domínio masculino e a posição de resistência ao discurso machista e militarista; no discurso inscrito na imagem da SD1 e na formulação “**AH É??!**” funcionam a opacidade da imagem, a falha e o equívoco e a desestabilização da memória discursiva (Pêcheux, 2020), já que o discurso funciona com a posição-sujeito de que a mulher pode ocupar qualquer espaço social, a exemplo da polícia. Vejamos, a seguir, a SD3:



Figura 3: Sequência discursiva três – SD3

Fonte: Instagram (Futuro Policial Aprovado)

A materialidade discursiva da SD3 mostra o *meme* com uma suposta conversa entre um jovem e uma jovem; na primeira formulação, temos os dizeres atribuídos ao rapaz: “**mulher não pode ser policial**”, tendo como resposta da moça a formulação “**bloqueado**”. Convém lembrar que, na AD, entendemos *memes* como “[...] objetos discursivos e não apenas artefatos tecnológicos, pois são afetados pela memória e pela exterioridade, sendo o espaço virtual considerado um espaço discursivo” (Batista; Cortes, 2017, p. 444).

Na SD3, a formulação “**mulher não pode ser policial**” filia-se às FDs machista e militarista, que determinam quem pode ou não ocupar o lugar de policial. Tais sentidos sofrem determinações históricas e ideológicas do interdiscurso, que diz respeito ao exterior de uma dada FD (Pêcheux, 2014b). Conforme Pêcheux (2020, p. 61), “[...] para que suas palavras possam significar é preciso que já tenham sentido. Assim é que dizemos que ele é historicamente determinado, pelo interdiscurso, pela memória do dizer: algo fala antes, em outro lugar, independentemente”. Desse modo, na materialidade verbal “**bloqueado**” funciona a tomada de posição-sujeito de resistência às FDs machista e militarista e instaura o equívoco com sentidos de confronto ao discurso dessas FDs.

Cabe ressaltar que o sentido de BLOQUEADO, no espaço digital, funciona com sentidos de corte de relações. Conforme Dias (2016, p. 10-11), no mundo digital, “[...] a historicização dos sentidos que desloca o modo de significação, produzindo uma forma material outra, porque inscreve o dizer, o fazer, as práticas dos sujeitos, em outras condições de produção, afetada por outras instituições [...]”. Na SD3, deu-se esse deslocamento da forma material “bloqueado”, que foi usado com efeito de sentido de bloqueio e resistência ao discurso machista e também ao discurso militarista, que busca delimitar o espaço que a mulher deve ocupar.

A próxima materialidade discursiva, a SD4, tem como foco a conversa entre um casal que planeja a profissão da filha, recém-nascida, para ser bailarina, mas na materialidade ao lado aparece a foto de uma jovem já adulta portando farda militar e arma.

“Bailarina”

Traduzir Tweet



Figura 4: Sequência discursiva quatro – SD4

Fonte: Instagram (Woman Policial)

Na imagem da SD4, em sua primeira formulação linguística, “**Que linda, amor! Vai ser bailarina**”, temos o funcionamento de sentidos em funcionamento no interdiscurso, segundo os quais os pais podem predeterminar a futura profissão dos filhos, o que pode configurar-se como dominação. Na SD4, os pais buscam direcionar e (pre)determinar socialmente o lugar que a filha deverá ocupar, quando adulta, que é a profissão de bailarina, um lugar social construído imaginariamente somente para mulheres, já que a bailarina deve ser doce e frágil.

Esse discurso, ao mesmo tempo em que delimita a mulher, também exclui o homem de ocupar o lugar social de bailarino. São, portanto, determinações ideológicas que buscam ditar e delimitar a esfera de atuação do homem e da mulher. Todavia, na imagem à direita, que compõe a SD4, juntamente com a legenda da postagem e com a materialidade verbal “**Bailarina não, mamãe, é woman policial**”, funciona uma posição-sujeito de antagonismo ao dito que busca predeterminar a profissão da mulher.

Portanto, ao assumir a posição-sujeito de policial, a mulher resiste às FDs machista e militarista e instaura a desregularização dessa memória (Pêcheux, 2020), que dita um padrão para o lugar social do homem e da mulher. Além disso, a materialidade linguística citada filia-se à posição-sujeito de resistência às formações imaginárias relacionadas com as posições-sujeito que as mulheres podem ocupar socialmente.

Desse modo, os sentidos funcionam em tensionamento entre os já-ditos e os confrontos materializados nos discursos da FD machista, pois “[...] toda prática discursiva está inscrita no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das *formações discursivas* [...]” (Pêcheux, 2014b, p. 197). Frente a isso, na formulação “**Bailarina não, mamãe, é woman policial**” (SD4) funciona

a relação de confronto e resistência aos discursos já estabilizados no imaginário acerca da mulher, a exemplo da formulação “**Que linda, amor! Vai ser bailarina**”.

Ademais, cabe observar, na SD4, o funcionamento das discursividades inscritas na imagem à direita, que traz uma mulher segurando uma arma de fogo. Devemos lembrar que a materialidade imagética funciona como operadora de memória (Davallon, 2020). A imagem em pauta constitui-se de uma mulher bela, sensual, utilizando uma arma de fogo, logo, rompe com os sentidos da FD militarista e da FD machista, pois faz funcionar uma outra memória para a mulher, que pode ser bela, sensual e também pode ser da polícia.

Nessa perspectiva, para Sargentini (2011, p. 1690), “[...] explicitar um discurso será, então, interpretar o que as pessoas escrevem, mas também suas imagens, seus gestos, falas, expressão sonora”. De fato, na SD4, a memória e a ideologia das FDs machista e militarista são desestabilizadas e refutadas tanto pela imagem quanto pela materialidade verbal “**Bailarina não, mamãe, é woman policial**”. Dessa forma, é preciso conceber a imagem não mais como opaca, mas atravessada por discursos que a constitui, como postula Pêcheux (2020). Assim, na SD4, a imagem funciona na trama de sentidos, com uma posição-sujeito de refutação e confrontos discursivos aos já-ditos da memória machista e militar.

4 GESTOS DE CONCLUSÃO

Os movimentos de análises das sequências discursivas mostraram o funcionamento do discurso sobre o sujeito-mulher policial de forma intrincada às formações imaginárias acerca da mulher e do processo histórico de sua atuação na sociedade. O imaginário da mulher e do seu lugar, como também o imaginário de força do homem, vão determinar as posições-sujeito de machismo – liberdade ao homem e restrição social à mulher, por sua suposta fragilidade. Esses sentidos se filiam às FDs machista e militarista, que determinam que a polícia é lugar somente para homens, e assim impedem que a mulher busque ocupar essa posição.

O imaginário de feminilidade e de “sexo frágil” instaura a posição-sujeito que exclui a mulher da carreira policial, a exemplo do lugar de delegada (SD2). Conforme esse discurso, a mulher pode ser bela, pode ser uma bailarina, mas não pode atuar na polícia nem em outros campos profissionais que exijam habilidades intelectuais e outros atributos além da beleza.

São determinações ideológicas inscritas na memória do discurso machista e militarista que buscam (de)limitar as posições e os lugares sociais para a mulher.

O jogo metafórico no discurso sempre funciona sob tensões de efeitos parafrásticos e polissêmicos; o funcionamento do digital favorece a circulação dos sentidos em/nas redes, de forma que tanto produzem efeitos de estabilização dos já-ditos, como também permitem os escapes nos furos da rede, instaurando a equivocidade e a perturbação dos sentidos. Assim, as postagens analisadas, ao mostrarem que a mulher pode e deve ocupar os espaços das carreiras militares, funcionam como efeitos de resistência ao discurso machista e militarista.

Nessa conjuntura, reiteramos que as mídias digitais devem ser pensadas como um lugar de conflito, visto que, conforme assevera Grigoletto (2005), elas se tornam lugares constituídos pelas práticas discursivas, em que várias posições-sujeito se posicionam em um jogo de relações de força a partir de suas manifestações ideológicas que são afetadas pelo interdiscurso.

Logo, a rede social *Instagram* não pode ser percebida apenas como espaço de entretenimento, mas como um lugar de movência e disputa de sentidos, de funcionamento e circulação dos discursos e contradiscursos. Um espaço de funcionamento das tensões da memória e dos embates discursivos.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, G. A.; CORTES, G. R. O. Do estável ao equívoco: o lugar da mulher no discurso dos *memes*. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 9, 2011, Vitória da Conquista. *Anais* [...]. 2011. p. 443-448.
- BAYLEY, D. *Padrões de policiamento: uma análise internacional comparativa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- CASTRO, M. R.; FRANCO, R. A. Relações de gênero e poder: o caso da Polícia Militar Feminina de Minas Gerais. In: ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE, 3., 2011, João Pessoa, *Anais* [...]. p. 1-17. Disponível em: https://www.academia.edu/12333317/Rela%C3%A7%C3%B5es_de_g%C3%AAnero_e_poder_o_caso_da_Pol%C3%ADcia_Militar_Feminina_de_Minhas_Gerais. Acesso em: 10 jan. 2023.
- CAZARIN, A. E. A heterogeneidade discursiva de uma posição-sujeito. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, ed. 2ª., 2005, Porto Alegre. *Anais* [...]. p. 1-10. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/57247072/A-Heterogeneidade-Discursiva>. Acesso em: 20 ago. 2022.
- CORTES, G. R. O. *Do lugar discursivo ao efeito-leitor: a movimentação do sujeito no discurso em blogs de divulgação científica*. 2015. 267f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/13933>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- CORTES, G. R. O. Memória em/na rede: o discurso escravocrata em imagens digitais de babás negras no Brasil. *Revista RECORTE*, Três Corações, v. 14, n. 1, p. 1-19, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/4035/2967>. Acesso em: 22 abr. 2022.
- COSTA, G. C. da. *Sentidos de milícia: entre a lei o crime*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- DAVALLON, J. A imagem, uma arte da memória? In: ACHARD, P. et al. (org.). *Papel da memória*. Tradução de José Horta Nunes. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 23-35.
- DCO3 - SEÇÃO DE MEMÓRIA E PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DA PMMG. Mulher Policial Militar. *Polícia Militar de Minas Gerais*, Belo Horizonte. Disponível em: <https://www.policiamilitar.mg.gov.br/portal-pm/externo/conteudo.action?conteudo=9287&tipoConteudo=subP>. Acesso em: 10 jul. 2021.
- DIAS, C. A análise do discurso digital: um campo de questões. *REDISCO*, Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, p. 8-20, 2016. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2515>. Acesso em: 10 maio 2021.
- DIAS, C. *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas: Pontes Editores, 2018.
- DIAS, C. *Da corpografia: ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital*. Santa Maria: UFSM/PPGL, 2008.
- FUTURO POLICIAL APROVADO. *Mulher não pode ser policial*. 14 jan. 2021. Instagram: futuropolicialaprovado. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CJ_Uot-Hth3/. Acesso em: 28 maio 2021.

GRIGOLETTO, E. *O discurso de divulgação científica: um espaço discursivo intervalar*. 269f. 2005. Tese (Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso) – Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5322>. Acesso em: 15 jun. 2021.

GRIGOLETTO, E.; GALLO, S. L. Sujeito e memória em textualidades digitais. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. (org.). *Análise do discurso: dos fundamentos aos desdobramentos (30 anos de Michel Pêcheux)*. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 307-317.

HENRIQUE, G. Quem foi Maria Quitéria, mulher que se vestiu de homem para lutar na Independência do Brasil. *BBC News Brasil*, São Paulo, 22 jan. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59953275>. Acesso em: 18 out. 2023.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 11-38.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. (org.). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 67-89.

INSTAGRAM. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Instagram>. Acesso em: 28 jan. 2022.

MITTMANN, S. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. In: FERREIRA, M. C. L.; INDURSKY, F. (org.). *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 153-162.

MITTMANN, S.; CORTES, G. R. O. Mulheres de barro, de memórias, de saberes e de saberes. In: FLORES, G. B. *et al.* (org.). *Análise de Discurso em Rede: cultura e mídia*. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 291-306.

MULHERES representam apenas 12% do efetivo da Polícia Militar no Brasil. *Folha de Pernambuco*, Pernambuco, 28 ago. 2020. Pesquisa. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/mulheres-representam-apenas-12-do-efetivo-da-policia-militar-no/152724/>. Acesso em: 10 jul. 2021.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. 13. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

ORLANDI, E. P. *Segmentar ou recortar? Linguística: Questões e Controvérsias*. Uberaba: Fiube, 1984. p. 9-26. (Série Estudos, n. 10).

ORLANDI, E. P. *Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia*. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, E. P. Destruição e construção do sentido: um estudo da ironia. *Web Revista Discursividade*, Campo Grande, n. 9, jan./maio, p. 1-42, 2012.

PÊCHEUX, M. A especificidade de uma disciplina de interpretação (a Análise de Discurso na França). Tradução de Eni Puccinelli Orlandi *et al.* In: ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015. p. 227-230.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* (org.). *Papel da memória*. Tradução de José Horta Nunes. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 45-53.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD69). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a. p. 59-106.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenço Chacon J. filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. (org.) *Gestos de leitura*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014c. p. 57-67.

PERROT, M. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2019.

SADEK, M. T. Delegada: Doutora e Policial. In: SADEK, M. T. (org.) *Delegados de Polícia*. São Paulo: Editora Sumaré, 2003.

SANTOS, R. A. *O funcionamento discursivo do enunciado “Intervenção Militar Já” nas mídias digitais: memória, metáfora e efeitos-sentido*. 2020. 106f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2020. Disponível em: <https://repositorio.cepelin.org/index.php/repositorioppglintesesdissertaco/article/download/205/185>. Acesso em: 13 set. 2022.

SARGENTINI, V. M. O. Análise do discurso político: semiologia e história. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ALFAL, 16., Alcalá de Henares. *Anais [...]*. p. 1687-1696.

SEGURANÇA: PM feminina completa 51 anos nesta sexta, com vários eventos. *São Paulo Governo do Estado*, São Paulo, 12 maio 2006. Últimas notícias. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/seguranca-pm-feminina-completa-51-anos-nesta-sexta-com-varios-eventos/>. Acesso em: 19 ago. 2021.

SOARES, B. M.; MUSUMECI, L. *Mulheres policiais: presença feminina na Polícia Militar do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

WOMAN POLICIAL. “Bailarina”. Instagram: womanpolicial. 12 mar. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMTlphOLUGD/>. Acesso em: 28 maio 2021.



Recebido em 12/03/2023. Aceito em 21/10/2023.